

Larosière: crise não é culpa do FMI

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — Num discurso intitulado “as atuais políticas do FMI: fato e ficção”, Jacques de Larosière, diretor-gerente do organismo internacional, afirmou, ontem, que as críticas que tem recebido são irrealistas e que o declínio econômico da maioria dos países em fase de ajustamento ocorreu antes da adoção dos programas acordados com a instituição.

Num discurso preparado para ser lido perante o Clube Econômico de Chicago, ontem à noite, Larosière disse que o objetivo da assistência do FMI é permitir a países com dificuldades de balanço de pagamentos enfrentar seus problemas segundo uma estratégia que beneficie suas próprias economias, mas também leve em consideração o bem-estar de seus parceiros comerciais e financeiros. O FMI visa a assegurar que o ajustamento se realize de maneira “ordeira e cooperativa”, acrescentou.

“Às vezes se ouve dizer que o Fundo impõe condições sobre os países-membros que recorrem a seu financiamento. Essa noção traz uma confusão básica sobre a natureza das relações do Fundo com Estados membros soberanos”. O Fundo trabalha com as autoridades locais a

fim de determinar a natureza e causas dos problemas econômicos do País e examinar as opções existentes para restaurar uma posição de pagamento viável, prestando atenção aos seus objetivos sociais e políticos e às suas prioridades econômicas. As negociações “são normalmente conduzidas em atmosfera de compreensão e confiança recíprocas”, disse Larosière.

CONDICIONALIDADE

Rebatendo outra crítica, afirmou que “a condicionalidade (do FMI) não é mais severa do que o necessário”, diante das circunstâncias do País. “Nossa experiência — destacou — mostra que os programas de ajustamento são muito mais fáceis de implementar e caminham mais suavemente quando são adotados no estágio inicial das dificuldades de um país. Quando um país adia o ajustamento por muito tempo e permite que seu déficit de pagamentos externos alcance nível que simplesmente não consegue financiar, entra em crise financeira. É neste ponto que o financiamento externo se torna difícil, senão impossível de ser obtido e os residentes locais perdem a confiança na moeda, o que resulta em fuga de capital em grande escala. Nessas situações o ajustamento é imposto ao país em circunstâncias

que são, algumas vezes, difíceis de tolerar social e politicamente, assim como prejudiciais à economia”.

A condicionalidade, acrescentou, depende também do clima comercial no mundo. É muito mais fácil para um país ajustar-se numa economia internacional dinâmica e em crescimento, com mercados em expansão. Essas condições não têm existido, reconheceu. As pressões protecionistas intensificaram-se e os preços das matérias-primas declinaram juntamente com o volume do comércio internacional. Assim, aproximadamente 75% dos US\$ 40 bilhões de melhoria no déficit comercial conjunto dos países em desenvolvimento não petrolíferos, nos últimos dois anos, refletiu uma redução nas importações, disse Larosière.

Além disso, a condicionalidade depende ainda da disponibilidade e dos termos do financiamento externo. A longo prazo, financiamento e ajustamento se complementam, afirmou o diretor-gerente do FMI. “Os fluxos externos (de recursos) dependem basicamente da confiança dos credores estrangeiros na qualidade e segurança de seu investimento. A experiência recente mostrou como os fluxos financeiros caem quando surgem incertezas sobre a capacidade dos países tomadores de servir sua dívida.”